

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC




múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	O Medo de Ficar de Fora: Relações com o Uso de Tecnologias Ubíquas, Autoeficácia e Bem-Estar
Autor	VITÓRIA ERMEL CÓRDOVA
Orientador	JORGE CASTELLA SARRIERA

O Medo de Ficar de Fora: Relações com o Uso de Tecnologias Ubíquas, Autoeficácia e Bem-Estar

Vitória Ermel Córdova
Orientador Jorge Castellá Sarriera
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

As tecnologias estão cada vez mais imersas no cotidiano, uma vez que o uso e o acesso a dispositivos que contém características de ubiquidade, como *smartphones* e *tablets*, é frequente. Porém, apesar de especulações sobre os impactos das tecnologias, poucos estudos têm levado em conta relações entre esse uso e o medo de ficar de fora (*fear of missing out* - FoMO). Pesquisas têm enfatizado esse fenômeno como um dos fatores negativos associados ao uso das tecnologias, visto que este é definido como “uma percepção de que outros possam estar tendo experiências gratificantes em sua ausência” e, portanto, promove a contínua necessidade de estar ciente do que os outros estão fazendo. Acredita-se que indivíduos com altos índices de FoMO acessem seus dispositivos com mais frequência e tenham prejuízos em sua percepção de autoeficácia e bem-estar. O objetivo deste trabalho é investigar a relação entre autoeficácia, bem-estar e uso de tecnologias ubíquas em indivíduos com altos e baixos níveis de medo de ficar de fora. Esse trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado que estuda a relação do fenômeno da presença nas tecnologias ubíquas com os aspectos psicossociais. Os participantes foram divididos quanto aos seus índices na escala de FoMO, sendo que foram classificados em dois grupos: primeiro quartil de menor FoMO (Grupo 1) e último quartil de maior FoMO (Grupo 2). Aqueles participantes do segundo e terceiro quartil não foram considerados para esse estudo. No total, 223 indivíduos participaram da pesquisa, sendo 108 do Grupo 1 e 115 do Grupo 2, dos quais 159 mulheres (75%) e 53 homens (25%) com idades entre 18 e 35 anos ($M = 25,8$ $DP = 5,04$). Foi realizada a aplicação de questionário online divulgado na página do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (GPPC) em uma rede social. Ao completar a pesquisa, solicitou-se aos participantes que compartilhassem o instrumento com seus contatos. Foram observados os critérios éticos para pesquisa com seres humanos conforme proposto pela resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Para verificar em que medida as diferenças observadas entre os grupos revelam um perfil discriminante das variáveis, foi realizada uma Análise Discriminante. Foram consideradas como variáveis independentes os itens da escala Escala Geral de Autoeficácia Percebida (EGAP), a escala de item único de bem-estar Overall Life Satisfaction (OLS), cinco itens relativos à frequência de uso, oito itens relativos ao tipo de uso e, como variável dependente, o nível de FoMO (Grupo 1 e Grupo 2). A função discriminante obtida é significativa ($\chi^2(24) = 63,16, p < 0,001$), apresenta uma correlação canônica discriminante de 0,511, e é aceitável, pois classifica corretamente 73,1% dos participantes nos seus respectivos grupos. A variável com maior carga discriminante (.435) foi a de acesso às redes sociais a favor do Grupo 2. Cinco variáveis relativas à autoeficácia e o item de bem-estar discriminaram em favor do Grupo 1. Com relação a frequência de uso, três variáveis discriminaram a favor do Grupo 2. Os resultados do trabalho corroboram com a literatura encontrada que demonstra que indivíduos com altos níveis de bem-estar e autoeficácia apresentam baixos níveis de FoMO e que o uso de redes sociais está associado a altos níveis de FoMO. Além disso, pesquisas apontam que indivíduos com altos índices de FoMO utilizam as redes sociais com mais frequência (após acordar, antes de dormir e durante as refeições), o que também foi visto neste trabalho. O estudo sobre FoMO é essencial uma vez que pode contribuir na associação entre fatores psicossociais e uso de tecnologias, e no entendimento de comportamentos adictos em redes sociais.